Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A midiatização da vida comum[1]

The mediatization of everyday life

Demétrio de Azeredo Soster

Palavras-chave: Midiatização; Fenômeno midiático; Circulação; Narrativas; Atorização

O professor-pesquisador do programa de pós-graduação em Comunicação da PUC de Porto Alegre Juremir Machado da Silva, em um livro[2] seminal, onde pergunta o quê, afinal, pesquisar quer dizer, afirma que são em número de três os movimentos que um pesquisador usualmente realiza quando de seus esforços reflexivos: estranhamento, entranhamento, e, finalmente, desentranhamento. O primeiro passo – estranhamento, tem a ver com algo despertar a atenção de quem pesquisa; valendo-se dos versos do poeta Fernando Pessoa, com observar aquilo que, em nossa rotina diária de pesquisa, "provoca movimento aos olhos". O passo seguinte é o entranhamento, ou seja, a aproximação do objeto por parte de quem pesquisa, movimento que cria familiaridade com o mesmo; portanto, condições para, finalmente, o derradeiro desentranhamento. Ou seja, para os esforços de compreensão crítica, portanto acadêmica, do fenômeno

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.
[2] SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer.** Porto Alegre: Sulina, 2021.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

analisado e sua posterior transformação em conhecimento sistematizado. É neste contexto que este resumo expandido se estabelece.

Temos observado; portanto, estranhado, desde há algum tempo, em redes socias como o Instagram e Facebook, que, com frequência, pessoas consideradas "comuns", ou seja, que não são celebridades, utilizam-se da internet como forma de veicular aspectos de suas vivências pessoais, adquirindo, dessa forma, visibilidade midiática. São movimento deliberados, ou seja, providos de intencionalidade, possíveis de serem pensado a partir daquilo que Verón (2013), chamou de "revolução do acesso", ou seja, do momento em que a internet passa a reconfigurar, com mais intensidade, as relações entre os atores sociais e os dispositivos midiáticos, provocando transformações as mais diversas. "A WWW comporta uma mutación em las condiciones de acceso de los actores individuales a la discursividade mediáticas, producinedo transformaciones inéditas em las condiciones de circulación[3]" (Verón, 2013, p. 281).

Este fenômeno parece ganhar mais potência a partir da emergência das redes sociais na internet, aqui compreendidas como uma espécie de "tradução" das redes sociais que existem na sociedade. "No espaço on-line, essas redes sociais são demarcadas não somente pelos rastros deixados pelos atores sociais e pelas suas produções, mas, também, por suas representações" (Recuero et al, 2020, p. 23). A diferença, ainda na perspectiva das autoras, comparando-se as redes sociais off-line (mundo fático) e as on-line (internet), é que as segundas podem ser facilmente recuperáveis por meio dos rastros (arquivos, dados etc.) que deixam na discursividade midiática. Mas, também, porque sua representação no ciberespaço alteram a realidade off-line, como veremos nessa reflexão.

[3] Em uma tradução literal, "A internet provoca uma transformação nas condições de acesso dos autores individuais na discursividade midiática, produzindo transformações inéditas nas condições de circulação" (Verón, 2013, p. 281).

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Referimo-nos, por exemplo, empiricamente, a pessoas como Marcio Pereira, denominado, em sua página no Instagram[4], "criador de conteúdo de digital", e que veicula, sempre que possível, registros de sua rotina de trabalho em uma fazenda de criação de gado bovino localizada no estado do Amazonas, Norte do Brasil. Que tipo de conteúdo? O nascimento de um bezerro, o cuidado diário com os animais da fazenda em que vive, sempre ameaçados por predadores como as onças; curiosidades sobre a vida no campo, enfim. Ou o igualmente agricultor Juninho Jansen, de São Bento do Sul, Santa Catarina – Sul do Brasil, que se utiliza de *reels* no facebook[5] para gravar vídeos curtos sobre a rotina de sua família cultivando bananas como forma de subsistência. Tratam-se de imagens aleatóreas, usualmente captadas por ele mesmo durante suas jornadas de trabalho em meio ao bananal da família.

Muito semelhante e a Diones Salvador, cujo lema é "o sol nasce para todos, mas só quem plantar vai colher os frutos", e que mantém uma página no Facebook[6] onde relata, desde Nossa Senhora da Glória, em Sergipe, Nordeste do Brasil, na forma de vídeos curtos, seu trabalho como criador de porcos. Ou, ainda, para ficarmos em apenas alguns exemplos, gente como Angelica e Jaci, o "Casal véio da roça[7]", que, em seus espaços no Instagram, veiculam, igualmente, registros de suas rotinas de agricultores. Seus vídeos ensinam como abater e embalar frangos, como colher mandioca, alimentação de animais; rotina de uma vida de pequenos agricultores, enfim.

A partir do acompanhamento/entranhamento sistemático de exemplos como estes, movimento que temos realizado desde 2025, pelo menos, e já tendo acumulado uma mostra significativa do objeto de nossa atenção, é chegada a hora de nos

[4] Disponível em: [https://www.instagram.com/marciopereira174/] Acesso em: [14 de maio de 2026]
[5] Disponível em: [https://www.facebook.com/juninho.jansen.2025] Acesso em: [19 de maio de 2026]
[6] Disponível em: [https://www.facebook.com/profile.php?id=61554780626684] Acesso em: 19 de maio de 2026]
[7] Disponível em: [https://www.instagram.com/casalveiodaroca/] Acesso em: [14 de maio de 2026]

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

desentranharmos do mesmo e começarmos a observá-lo criticamente. Importante reiterar que não se tratam, estas pessoas, de celebridades midiáticas conhecidas, ou imagens em movimento sobre acontecimentos significativos do ponto de vista social. Tratam-se, antes, como dito, de existências, e fazeres, "comuns" – a adjetivo "comum" aparecendo aqui como sinônimo de cotidiano, corriqueiro, ligado à rotina de trabalho; portanto, sem julgamento de valor. Ou, visto de outro ângulo, registros de fenômenos midiáticos realizados por amadores, na nomenclatura de Keen (2009), ou não-profissionais, que chamamos, neste resumo expandido, como dito, de "vidas comuns".

Delimitando ainda mais o conceito, o substantivo "vida", a partir de Ortega Y Gasset (2018), traduz a existência de um ser a partir do que ele faz cotidianamente em sua relação com o mundo em que vive. Já o "comum", agora com Certeau (2025), indica o resultado do uso de um conjunto de estratégias e táticas que as pessoas se utilizam em suas rotinas diárias como forma de lidar com as estruturas da sociedade em que vivem. "Vida comum", portanto, é tudo aquilo que um agente social faz em sua relação com/no, mundo e que o aproxima, por similaridade, de todas as outras pessoas deste mesmo mundo. A hipótese que nos move é que estas vidas comuns, uma vez transformadas em fenômenos midiáticos, e lançadas à discursividade midiática, são afetadas pela processualidade da midiatização, midiatizando-se, reconfigurando-se, de onde a expressão "vidas comuns midiatizadas".

Sob outro ângulo, para que uma "vida comum" se transforme em fenômeno midiático, e tenha condições de acessar a discursividade midiática, é preciso, como dito, que se sejam dotadas de autonomia e persistência, gerando, neste movimento, historicidade (Verón, 2013). Isso ocorre, por exemplo, quando um momento qualquer da vida de alguém – uma confraternização com amigos, por exemplo – é registrado pela câmara de um celular: a autonomia, neste caso, se estabelece no momento do registro; ou seja, o vivido passa a existir, simbolicamente, à revelia de seus protagonistas, por meio da gravação de uma imagem estática, ou em movimento, sobre o que ocorreu naquele

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

momento. A permanência tem a ver com a capacidade de a imagem ser armazenada, por exemplo, na memória de um celular; em cartões de memória ou em nuvens, e persistir pelo tempo que durarem os dispositivos.

Quanto à geração de historicidade, portanto de sentidos, se dá em dois momentos, no exemplo acima: a) quando a hipotética imagem ainda está na memória do dispositivo (ou do cartão, nuvem etc.), e é acessada pelos que operam o celular; depois, b) quando, ainda no campo das especulações, é veiculada em um site de mídia social, caso do Instagram e do Facebook No primeiro caso, usualmente é acessada por poucas pessoas; no segundo, por um número exponencialmente maior.

O substantivo feminino "historicidade" é utilizado aqui como sinônimo das transformações de que ocorrem na pessoa, ou pessoas, que acessam a imagem, sejam elas lembranças, sentimentos, reflexões ou mesmo ações que resultem do fato de ter enxergado aquela imagem, como uma espécie de gatilho. Neste sentido, uma imagem pode provocar saudade, desconforto, alegria, tristeza, curiosidade etc. em quem lhe acessa. Mas, também, pode ser o deflagrador de alguma ação que venha a ser realizada a partir deste contato.

Seguindo nosso raciocínio, é a partir do momento que as "vidas comuns" se midiatizam, ou seja, quando são catapultadas à discursividade midiática e passam a existir em uma ambiência como uma rede social, à revelia do vivido, que nos colocamos diante de um problema de circulação, central à nossa reflexão. Circulação será aqui pensada nos moldes de Fausto Neto (2018), Mario Carlon (2013, 2020) e Autor (2018, 2021), entre outros. Ou seja, como um lugar marcado antes por fluxos informacionais que por lugares situacionais, mas, também, por ligações intersistêmicas e acoplamentos estruturais, o que complexifica tanto o aporte epistemológico necessário à adequada interpretação do fenômeno quanto a compreensão, mesma, das transformações que ali se verificam.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

O que procuramos compreender, ao fim? Compreender, com mais propriedade, o que significa, para estas vidas comuns, a condição de "midiatizadas". Dito de outra forma, e a título de exemplo, o que ocorrer quando, por exemplo, de sua transformação em ator de sua própria narrativa e o que emerge dessa metamorfose. O conceito de ator social, com ele, de atorização – ou ato por meio do qual alguém se transforma em personagem, foi amplamente discutido por diversas tradições sociológicas e literárias. Em síntese, e resguardadas as diferenças entre si, compreendem, os sociólogos, o autor com um indivíduo produtor de sentidos que existe de forma relacional na sociedade em que vive, com maior ou menor liberdade. Sua emergência será aqui compreendida, portanto, e no diálogo também com a teoria literária, de onde igualmente deriva, como um dispositivo estruturador de narrativas. Usaremos narrativa na perspectiva sugerida por Motta (2013) e Leal (2022), ou seja, como mecanismos que emprestam inteligibidade ao que é narrado.

Ser ator de sua própria narrativa, neste caso, significa tanto a) ter consciência do papel que se ocupa na narrativa como b) desempenhá-lo de forma a interferir no próprio desenrolar dos acontecimentos, c) se utilizar de práticas autorreferentes, d) utilizar lógicas midiáticas de enunciação em seus relatos, d) apelo à visibilização como forma de criar vínculos, e, finalmente, e) a monetarização de suas vidas. A presença de dispositivos midiáticos neste contexto, caso das redes sociais, é fundamental para a referida reconfiguração.

Retomando, o olhar sobre o papel desempenhado pelo ator neste contexto vai ganhar nuanças sócio-técnico-discursivas quando pensado a partir de perspectivas midiatizadas. O marco inaugural é ano de 2011, quando Fausto Neto (2011), no encontro da Associação Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), reflete, em artigo seminal, sobre o papel exercido pelos jornalistas quanto afetados pela processualidade da midiatização. A constatação é que, em síntese, o trabalho enunciativo deste grupo de profissionais se reconfigurava quando midiatizado; de mediador dos acontecimentos se

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

transformavam em atores, valendo-se dos acontecimentos como estruturas de suas narrativas. Suas operações tornam-se, com isso, de um lado, cada vez mais autorreferenciais, e a tendência à espetacularização é perceptível, para ficarmos em duas características identificadas (Fausto Neto, 2011). Também de observa, a partir da mostra empírica, que o comportamento dos "atores" passa a corresponder, cada vez mais, quando midiatizados, antes a lógicas midiatizadas que sociais.

A estratégia, do ponto de vista metodológico é seguirmos, aleatoriamente, "pistas discursivas", na nomenclatura de Fausto Neto (2018), ou "rastros digitais" (Couldry e Hepp, 2020), deixados na superfície dos relatos destas redes sociais de forma indiciária, nos moldes de Ginsburg (1989); ou seja, como indicadores da existência, neles, de camadas mais profundas de significação.

Estamos falando de uma pesquisa qualitativa, nos moldes de Demo (2000). Ou seja, de uma abordagem metodológica que nos permite compreender de forma integral os objetos analisados. Mas como fazer para alcançar "(....) modos de captação que sejam congruentes com as marcas de qualidade, como, por exemplo, sua dinâmica mais flexível, subjetiva, intensa, ideológica, profunda, provisória" (2000, p. 151) quando o objeto está em movimento? Resposta possível: pelo viés da linguagem.

A linguagem, considerada, aqui, com Verón (1980, 2004), como portadora de "marcas não homogêneas distribuídas na superfície dos objetos analisados", é o mecanismo por meio do qual podemos alcançar as pistas deixadas pela processualidade da midiatização nos objetos analisados. Além disso, a abordagem do objeto possibilita (Fausto Neto, 2010) tanto a) a exteriorização do dizível como a b) a constituição da operação que se dá em um âmbito do processo circulatório.

Referências

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

CARLÓN, Mário. **Circulación del sentido y construcción de colectivos**: en una sociedad hipermediatizada. San Luis: Nueva Editora Universitaria, 2020

CARLÓN, Mario. Contrato de fundação, poder e midiatização: notícias do front sobre a invasão do YouTube, ocupação dos bárbaros. **Matrizes**, São Paulo, ano 7, n. 1, p. 107-126, jan./jun. 2013

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2025

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.

FAUSTO NETO, Antonio. Circulação: trajetos conceituais. **Revista Rizoma.** v. 6, n. 2, p. 08-40, 7 jul. 2018.

FAUSTO NETO, Antonio. Transformações nos discursos jornalísticos: a atorização dos acontecimentos. In: SBPjor. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2011.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEAL, Bruno Souza. Introdução às Narrativas Jornalísticas**.** Porto Alegre: Sulina, 2022.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

ORTEGA Y GASSET, José. **O homem e os outros.** Campinas (SP): Vide Editorial, 2017.

KEEN, Andrew. O culto do amador: **como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; BASTOS, Marco. **Análise de redes para mídias sociais.** Porto Alegre: Sulina, 2020.

AUTOR, Autor. **A circulação como instância reconfiguradora do jornalismo midiatizado.** Questões Transversais, Unisinos, 2021. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/18084.

AUTOR, Autor. A circulação como instância reconfiguradora do jornalismo midiatizado. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 6, p. 113-120, 2018.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

VERON, Eliseo. **La semiosis social, 2:** ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autônoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.